A VIOLÊNCIA DO IMPÉRIO ROMANO E A SUA INFLUÊNCIA NA VIDA DAS COMUNIDADES CRISTÃS DO FIM DO PRIMEIRO SÉCULO

Carlos Mesters
Francisco Orofino

1. A revolta dos judeus, a destruição de Jerusalém e a luta pelo poder

A exploração e a violência da dominação romana sobre os camponeses da Palestina, junto com a frustração secular do povo, alimentaram as correntes apocalípticas e contribuíram para a explosão da revolta popular, que terminou tragicamente na destruição de Jerusalém pelos romanos no ano 70 depois de Cristo.

Ainda durante a vida de Jesus e sobretudo depois, as explosões populares contra a ocupação romana foram crescendo (Lc 13,1; 23,19; At 5,37; 21,38), novos partidos foram surgindo ou se organizavam: zelotes, sicários. A situação se radicalizava. A incapacidade e a brutalidade dos governadores romanos, junto com a corrupção e a luta pelo poder da classe dirigente da Judéia, deixou o povo sem proteção e sem alternativa. O *Zelo* tomou conta de tudo e no ano 66 explodiu numa revolta generalizada. Roma perdeu o controle da situação. Estimulados pelas idéias do movimento apocalíptico, muitos viam no levante contra Roma a chegada do *Dia de Javé!*

Sacerdotes, saduceus e anciãos, forçados a entrar na revolta contra Roma, faziam o possível para manter o controle da situação. Mas pouco adiantou. As legiões romanas vieram e foram reconquistando a Galiléia e a Judéia, à espera do momento oportuno para o assalto final contra Jerusalém. Enquanto isso, dentro da cidade de Jerusalém, grupos rivais lutavam entre si pela hegemonia. Dois grupos de judeus, porém, não quiseram participar da rebelião: fariseus e cristãos. Tanto para os cristãos como para os fariseus, a revolta contra Roma não era expressão da chegada do *Dia de Javé*.

Pouco depois da Páscoa do ano 70, com a cidade de Jerusalém ainda cheia de peregrinos e de gente que nela buscava proteção contra a repressão romana, o general Tito, filho do recém-empossado Imperador Vespasiano, atacou com quatro legiões. O cerco durou vários meses, de maio até agosto. Foi um assédio cruel de muita fome e muitas mortes. Finalmente, Jerusalém foi tomada e totalmente destruída. O templo foi arrasado e, onde antes se ofereciam os sacrifícios a Javé, Tito mandou oferecer sacrifícios em honra de Júpiter ou Zeus, o deus supremo dos romanos. Dois anos e meio depois, conforme relata Flávio José, o último resto da resistência terminou com o suicídio coletivo dos revoltosos na fortaleza de Massada. "Preferiram morrer pelas próprias mãos a cair nas mãos dos infiéis", assim ele comenta.

A destruição de Jerusalém foi um abalo para todos. No modo de pensar dos sobreviventes do desastre, tanto judeus como cristãos, a destruição da Cidade Santa marcou o fim de um período e o começo de outro. A extrema crueldade e violência da repressão romana, sem nenhuma piedade, acentuaram no povo o sentimento de total impotência diante do poder do império.

Neste mesmo tempo, nos anos 68 a 70, lá em Roma, no centro do poder, depois da morte de Nero, revoltas e golpes militares se sucediam em ritmo acelerado. A luta pelo poder tomou conta de tudo. Em menos de dois anos houve cinco tentativas de golpe militar. A confusão era tanta que parecia o fim do império. Eis um quadro:

54-68 Nero,	imperador: lutas internas pelo poder.
64	Primeira grande perseguição das Comunidades pelo Império Romano.
66-70	Levante do povo judeu na Palestina contra a ocupação romana.
68	O general Vindex lidera uma rebelião na Gália (França).
	O general Galba lidera a revolta das legiões na Espanha.
69	O general Otônio lidera o golpe militar da guarda pretoriana em Roma.
	O general Vitélio lidera rebelião das legiões na Germânia.
	O general Vespasiano lidera rebelião das legiões na Palestina e no Egito.
69-70 Vespasiano	é proclamado Imperador. Seu filho Tito assume no Oriente.
70	Tito destrói Jerusalém, a Cidade Eterna.
72	Derrota total, em Massada, dos últimos judeus que resistiam ao império.

2. A progressiva separação entre judeus e cristãos

O levante dos judeus da Palestina contra Roma, em vez de ser a tão esperada chegada do *Dia de Javé,* foi a causa da destruição dos grupos que dele tinham participado. Só sobreviveram os que não tinham participado: os judeus da linha farisaica e os judeus que tinham aderido à fé em Jesus. Terminado o confronto com Roma, ambos se consideravam os legítimos herdeiros e começam a lutar entre si pela posse da herança que vinha desde Abraão. Assim, a partir do ano 70, cresce a tensão entre judeus e cristãos, e o relacionamento entre os dois caminha lentamente para uma ruptura definitiva que foi acontecendo no decorrer do século II. Até o começo do século II, a distinção entre judeus e cristãos não era tão nítida. A maioria dos cristãos era de judeus que aceitavam Jesus como Messias, ou de pagãos "prosélitos" e "tementes a Deus", que já estavam ligados à sinagoga. Esta ruptura entre judeus e cristãos talvez seja um dos acontecimentos mais trágicos de toda a história do Ocidente. Mistério incompreensível (Rm 9–11)!

O trauma que ficou da destruição de Jerusalém provocou em ambos, judeus e cristãos, uma revisão e uma reorganização generalizada, cujo reflexo perpassa tanto os livros cristãos do NT como os da tradição judaica, escritos depois de 70 dC. O medo de novas divergências e rebeliões levou ambos a um controle mais rígido para impedir a ação de grupos e pessoas que não seguissem a orientação da maioria. De um lado, crescia a divergência; de outro lado, começava a insistência no controle e na disciplina. Este foi um dos motivos por que a maior parte dos escritos apocalípticos não entrou na lista dos livros inspirados, pois eles atestavam a divergência de alguns grupos de base com relação à orientação das classes dirigentes.

Depois da destruição de Jerusalém, os fariseus se reagruparam, primeiro em Jâmnia na Judéia, depois na Galiléia, e começaram a reorganização do judaísmo em torno da *Sinagoga*. O rabino Iohanan ben-Zakai fundou a assembléia de Jâmnia, onde foram estabelecidas as normas para definir quem é judeu e quem não é; quem pode ser rabino e quem não pode ser. Foi elaborada também a lista dos livros que deviam ser reconhecidos como inspirados, patrimônio da fé judaica. Nesta lista não figuravam os livros escritos ou traduzidos no ambiente mais aberto da diáspora, nem os do ambiente dos apocalípticos que tinham resistido contra a elite de Jerusalém. Devido à rápida divulgação da Boa-Nova de Jesus entre os próprios judeus, a reorganização do judaísmo teve um cunho de defesa contra os judeus-cristãos que pretendiam ser os herdeiros das promessas de Deus a Abraão.

Neste mesmo período, também os cristãos se reorganizavam em torno da *Ecclesia*. E também entre eles a reorganização se fez, em parte, em oposição aos irmãos judeus, que os acusavam de infidelidade à Lei de Deus e os excluíam da sinagoga. Os cristãos aceitaram como inspirados vários livros escritos ou traduzidos no ambiente da diáspora: os dois livros dos Macabeus, as novelas populares de Judite, Tobias, alguns fragmentos de Ester, os livros da Sabedoria, do Eclesiástico e de Baruc e alguns trechos de Daniel: a história de Susana (Dn 13) e a lenda Bel e o Dragão (Dn 14). Mas a maior parte da literatura apocalíptica também não entrou no Cânon dos cristãos.

Quando, sob o imperador Trajano (98-117), a perseguição se fez tanto contra judeus como contra cristãos, o perigo comum não os levou a uma defesa comum. A perseguição não fez com que os dois se reencontrassem como irmãos, membros do mesmo povo de Deus. Pelo contrário! Acusações e perseguições mútuas levaram a se separar ainda mais.

O conflito entre judeus e cristãos repercutiu no conflito entre os cristãos e o império, seja pela influência dos judeus junto às autoridades (At 13,50; 14,5; 16,20; 17,5-6), seja pela confusão que identificava cristãos e judeus como sendo da mesma religião. Este ambiente polêmico se reflete também no Apocalipse (Ap 2,9; 3,9).

3. As muitas religiões, o culto ao imperador e a sua influência na vida do povo

Na segunda metade do primeiro século, houve um forte renascimento das nacionalidades e das religiões dos povos subjugados pelo Império Romano. Eram religiões ou doutrinas de dois tipos, muitas vezes misturadas entre si. Umas de linha *mistérica*.

Mysterion é uma palavra grega que significa *segredo,* algo *escondido que se revela.* Para uma pessoa poder entrar em contato com a divindade, estas religiões ofereciam aos seus iniciados uma participação em *ritos* e *cultos* secretos. Outras eram de linha *gnóstica*. Daí vem o nome *gnosticismo. Gnose* é uma palavra grega que quer dizer *conhecimento*. Para uma pessoa poder entrar em contato com a divindade, estas religiões ofereciam aos seus iniciados *conhecimentos* superiores. Havia vários graus de iniciação e de aprofundamento. O gnosticismo era uma tendência muito divulgada, que criava nos seus membros uma certa consciência de elite. Os grupos gnósticos divulgavam a teoria de que o *espírito,* onde está a sede do conhecimento (gnose), é superior ao corpo, à matéria. O corpo, a matéria, abate e deprime o espírito. O ideal é o espírito se libertar do peso do corpo. Por isso, os mais exaltados desprezavam o matrimônio (1Tm 4,3) e o trabalho manual (2Ts 3,11).

O crescimento destas religiões com seus cultos e mistérios revela o vazio que existia. O seu avanço representava uma ameaça de desintegração para o império. Para fazer frente a este perigo, a propaganda imperial soube usar a própria religiosidade popular como fator de unidade do imenso império. Ela ensinava que a *Paz dos Deuses* tinha irrompido no mundo através da *Pax Romana,* cujo promotor divino era o próprio Imperador, chamado *Deus et Dominus,* Deus e Senhor. Era a religião a serviço dos interesses da ideologia dominante (Ap 13,4.14), a *romanização* da religião popular!

A propaganda fazia do Imperador um ser divino. A terra inteira o adorava, como se fosse um deus (Ap 13,4.12.14). Ele chegava a ser apresentado como se fosse um ressuscitado (Ap 13,3.12.14). A propaganda imperial atingia o povo na vida diária através de muitos canais: através do comércio, favorecido por uma administração eficiente com cobrança de tributos, taxas e impostos; através da cultura grega com seu estilo de vida e com a organização característica das suas cidades; através dos ginásios de esporte e banhos públicos; através da difusão das novas idéias, propagadas pelos filósofos ambulantes: gnósticos, epicureus e outros; através dos costumes bem populares do *Circo e Pão,* dos jogos olímpicos a cada quatro anos e da distribuição da carne oferecida aos ídolos; através da estratégia militar e da truculência na repressão aos revoltosos; através da religião com seu *pan-theon*, templos, estátuas, práticas de magia, procissões, festas, sua mitologia e o culto aos heróis. Na Ásia Menor, chegou-se a eleger um alto funcionário para promover as festas anuais e os jogos pelo aniversário do imperador. Religião e política eram uma coisa só. Os capítulos 13, 17 e 18 do Apocalipse de João confirmam e completam este quadro. Eles mostram como a ideologia entrava na vida do povo através das grandes obras de impacto, causando admiração (Ap 13,13-14); através de artigos de luxo para a classe dominante (Ap 18,11-13); através do controle econômico (Ap 13,16-17); através do culto obrigatório ao imperador (Ap 13,15); através da aliança do poder central do império com as lideranças locais, os reis da terra (Ap 17,12-13); através das armas e da perseguição (Ap 17,6).

Do ponto de vista econômico, o culto aos ídolos nos templos empregava muita gente: agricultores para tomar conta das fazendas dos templos e criar os animais para os sacrifícios; comerciantes para a compra e venda destes animais; fabricação das vestes sagradas, do incenso e dos outros utensílios necessários para as celebrações e pro-

cissões; provedores de lenha; carregadores de água; fabricação de estátuas para vender aos peregrinos; acomodação para os milhares de peregrinos nas inúmeras festas ao longo do ano; preparação das festas; organização dos jogos olímpicos a cada quatro anos em honra dos deuses; associações de trabalhadores, cada qual com a sua divindade protetora e com suas refeições sagradas. Quem se aventurava a ser contra o culto aos ídolos, corria o perigo de perder o emprego e de ser hostilizado por parentes e amigos, cuja segurança na vida dependia deste sistema.

Era quase impossível alguém viver sem participar do culto aos ídolos, como hoje é muito difícil alguém viver ou sobreviver sem nunca entrar num supermercado, os novos templos do consumo. Por exemplo, na Ásia Menor, havia uma certa concorrência entre as cidades para conseguir o privilégio de ser proclamada cidade-campeã do culto ao imperador. A cidade eleita, chamada *neokoros*, recebia benefícios e vantagens. Mas para poder ser eleita, ela tinha que dar prova de que todos os seus habitantes eram a favor do culto ao imperador. Caso na cidade houvesse um grupo contrário, este era perseguido e hostilizado por ser contrário ao "progresso" da cidade.

4. O conflito interno nas comunidades cristãs

No fim do primeiro século, como uma espécie de *Nova Era*, a religião da *Pax Romana* junto com as outras tendências religiosas invadia também as comunidades cristãs, produzindo nelas várias tendências e formulações, tanto na doutrina como na liturgia e na organização. O livro do Apocalipse, por exemplo, menciona os Nicolaítas (Ap 2,6.15), o grupo de Balaão (Ap 2,14), o de Jezabel (Ap 2,20), os que se apresentavam como judeus e não eram (Ap 2,9; 3,9), os que se apresentavam como *apóstolos* e não eram (Ap 2,2). Nem tudo estava claro para todos. As fronteiras não eram nítidas. A situação política estava muito confusa.

O problema já vinha de longe. No tempo do apóstolo Paulo, nos anos 50, naquelas mesmas comunidades da Grécia e da Ásia, alguns achavam que eles, sendo agora seguidores e seguidoras de Jesus, já não poderiam participar de nada que de alguma maneira estivesse relacionado com o culto aos ídolos, como, por exemplo, comer a carne que vinha dos sacrifícios nos templos ou marcar presença nas celebrações públicas. Outros achavam o contrário. Para estes, tais gestos seriam como participar hoje da cerimônia do hasteamento da bandeira nas escolas. Tudo isto criava muitos problemas e tensões, tanto nas comunidades como nas famílias. Nas suas cartas, Paulo procurava ajudar as comunidades a olhar o problema do ponto de vista da liberdade da consciência dos filhos de Deus. Assim, ele criava um espaço de liberdade para as próprias pessoas poderem discernir, por elas mesmas, se comiam ou não da carne oferecida aos ídolos (1Cor 8,1-13; 10,23-33; Rm 14,1-8).

Mas nos anos seguintes, de 60 a 90, muita coisa foi mudando. Cresceu o culto ao imperador. Domiciano tinha insistido na construção de templos em quase todas as cidades e na celebração pública das grandes datas do império. O gnosticismo tinha aumentado enormemente a sua influência e divulgava a idéia de que a carne oferecida aos ídolos, por ser uma coisa material, não afetava o espírito e, portanto, podia ser comida sem afetar a fé em Jesus. Além disso, depois dos acontecimentos dos anos 60 (perseguição de Nero em 64, morte dos apóstolos Pedro e Paulo em 67 e a destruição de Jerusalém em 70), as idéias apocalípticas se espalhavam com rapidez entre judeus e cristãos nas comunidades da Grécia e da Ásia e questionavam a facilidade com que as comunidades fundadas por Paulo favoreciam uma certa abertura com relação ao império. O próprio Paulo não tinha sido morto por essas *autoridades constituídas* às quais ele mandava obedecer (Rm 13,1)? De fato, a situação não estava clara.

Não deve ter sido fácil discernir o caminho certo. Nem todos pensavam do mesmo jeito. Algumas comunidades procuravam enculturar sua fé e assumiam elementos, tanto das religiões *gnósticas* e *mistéricas* como da religião oficial do império, para expressar sua fé em Jesus Cristo. Outras assumiam uma atitude de defesa contra a invasão das doutrinas estranhas, como transparece no Apocalipse, na carta aos Colossenses (Cl 2,8) e nas cartas Pastorais (1Tm 1,3-7; 4,1-2; 2Tm 2,16-18).

As ameaças do império, as pressões da propaganda imperial, o medo de perseguição e de hostilidades (Hb 10,32-34), a falta de uma análise crítica da realidade e a ingenuidade política de muitos cristãos, tudo isso levava alguns a voltar atrás (Hb 6,6) ou a buscar nas cartas de Paulo e nas idéias gnósticas uma justificativa para não se opor publicamente ao império e encontrar uma forma de convivência. Se a matéria e o corpo não têm valor, assim diziam os gnósticos, então não tem importância nenhuma você queimar um pouco de incenso em honra do imperador, dobrar os joelhos diante de uma imagem da deusa Roma ou participar de uma orgia sexual numa celebração de uma dessas divindades romanas. Isso é coisa do corpo, da matéria! Não atinge o espírito fiel da pessoa, nem significa renegar a fé em Jesus. Coisas materiais e corporais desse tipo não afetam em nada o espírito que se mantém puro e sem mancha. Assim alguns ensinavam.

O conflito básico com o império não era tanto a perseguição direta e sangrenta, mas sim a quase imperceptível infiltração crescente da ideologia do império na vida diária e no modo de pensar e de viver das comunidades. Isto se concretizava, sobretudo, na compra da carne oferecida aos ídolos, na participação em algum ato de culto ao imperador ou em alguma procissão em honra das divindades romanas, na aceitação das idéias gnósticas etc. Lideranças como Balaão e Jezabel favoreciam esta confusão ingênua. A mesma atitude de simpatia com as autoridades do império transparece em alguns outros textos da mesma época. A carta a Tito continua pedindo submissão aos magistrados e às autoridades (Tt 3,1) e outros pedem que se façam pedidos, orações, súplicas e ação de graças por todos os homens, pelos reis e todos que detêm autoridade (1Tm 2,1-2).

Diante deste avanço ameaçador da ideologia imperial e diante da confusão de idéias existente entre os próprios cristãos, o Apocalipse de João reage com força. Ele não concorda com este tipo de raciocínio, e chama tudo isto de *prostituição* (Ap 2,14.21).

5. A perseguição por parte do império

O objetivo real da *Pax Romana* era legitimar e expandir o domínio romano no mundo, favorecer o comércio internacional, garantir a cobrança tranqüila dos impos-

tos e tributos e, assim, intensificar a concentração da riqueza e do poder em Roma. Resultado: escravização crescente nas periferias e excesso de luxo no centro em Roma (Ap 18,9-20). De um lado, sofrimento e revoltas. Do outro, insensibilidade, alienação e afrouxamento dos costumes (Rm 1,18-32). Paulo define bem a situação quando diz: "Eles mantêm a verdade prisioneira da injustiça" (Rm 1,18).

Enquanto os povos subjugados cumprissem suas obrigações, não eram molestados. Sua obrigação era pagar o tributo, os impostos e as taxas, não fazer guerra entre si, fornecer soldados para o exército romano, reconhecer a autoridade divina do imperador e cultuar as divindades romanas. O mesmo valia para as comunidades cristãs. Enquanto não prejudicassem os interesses do Estado, podiam viver e crescer. Na hora, porém, em que apresentassem qualquer ameaça para o poder do Estado, começavam a ser perseguidas sem piedade.

Nota-se hoje em alguns comentários uma tendência para diminuir o impacto da perseguição no fim do governo do imperador Domiciano (81-96). De fato, os historiadores informam que não se tem notícia de perseguições explícitas, decretadas pelo império contra os cristãos nesse período. Alguns autores quase chegam a dizer que não houve perseguição na época de Domiciano e que o Apocalipse não faz referência a perseguições.

O que importa nesta questão talvez seja definir melhor o que se entende por perseguição. De fato, é possível e provável que não tenha havido uma perseguição explícita contra os cristãos, em nível global do império, decretada por Domiciano. Na América Latina, de 1950 para cá, também não houve perseguição explícita decretada contra os cristãos por parte dos governos dos vários países. Mas nestes mesmos 50 anos, de 1950 até 2000, houve não dezenas, mas sim centenas e centenas de mártires na América Latina, a qual, aparentemente, continua sendo um Continente pacato, onde a Igreja vive em paz, sem perseguição da parte dos governos. Assim, mesmo não tendo havido perseguição explícita no fim do primeiro século na época de Domiciano, muita gente foi morta. As alusões à perseguição no livro do Apocalipse são demasiadas para serem negligenciadas ou desfeitas como sendo de menor importância: Ap 1,9; 2,3.10.13; 6,9-11; 7,13-14; 11,7-8; 12,11.13.17; 13,7.15; 16,6; 17,6; 18,24; 20,4. Mesmo não havendo informação explícita extrabíblica a respeito de perseguições na época de Domiciano, estas alusões do próprio Apocalipse também são uma informação histórica dos anos 70 a 110 depois de Cristo que não pode ser ignorada.

Quando falamos em perseguição pelo Império Romano, não falamos só das grandes perseguições deflagradas pelo governo central de Roma. Estas até que não foram muitas, ao menos no primeiro século. Mas sim de todo tipo de conflito que os cristãos tiveram com o sistema do Império, mantido no mundo inteiro através da observância estrita das leis do Império, através da propaganda e da manipulação da religião do povo e através da força das armas. Isto é, conflitos com a polícia, com a justiça, com a opinião pública, com a propaganda, com a religião oficial, com as autoridades locais, com os grupos de interesse ou de pressão, com os vizinhos. A maneira de viver e de conviver dos cristãos, querendo ou não, incomodava aos que prefe-

riam seguir a linha da ideologia dominante do império e, por isso mesmo, era causa de hostilidades e de perseguições de todo tipo. Os cristãos viviam na contramão da *Pax Romana* e do culto ao Imperador. A propaganda dizia: o imperador é deus e senhor. Os cristãos diziam: Jesus é o "Rei dos reis, Senhor dos senhores" (Ap 19,16).

Na medida em que se aproximava o fim do primeiro século, crescia a centralização do poder nas mãos do imperador contra o Senado. Domiciano mandava para o exílio os que pensavam de modo diferente (Ap 1,9). Para conseguir o apoio popular, manipulava a religião através da divinização do imperador e usava de repressão direta e violenta contra os movimentos que se opunham à política central do império. Chegou a hostilizar a população de Éfeso, mandando derrubar um templo tradicional na cidade para construir um outro em honra ao imperador. Esta política tornou-se a tendência hegemônica no império. Tudo isto fazia com que pessoas de alguma posição social pudessem mobilizar com relativa facilidade as instituições locais e regionais do Império contra grupos e pessoas que agissem ou vivessem na contramão desta tendência hegemônica. Isto transparece bem claramente nos Atos dos Apóstolos.

Lucas escreve em torno dos anos oitenta. Mesmo querendo apresentar o cristianismo como simpático ao Império, ele não conseguiu esconder o conflito *crescente* com as instituições locais e regionais do Império nos vários lugares por onde Paulo passava e onde as comunidades iam surgindo. Como exemplo, apresentamos aqui um quadro comparativo dos conflitos ocorridos durante a primeira e a segunda viagem de Paulo, tais como descritas nos Atos:

Conflitos na Primeira Viagem (At 13,1–14,28)	**Conflitos na Segunda Viagem** (At 16,1–18,22)
1. **Com Judeus**	1. **Com Judeus**
1. Chipre (13,6-11)	1. Tessalônica (17,5)
2. Antioquia Pisídia (13,44-50)	2. Beréia (17,13)
3. Icônio (14,2)	3. Corinto (18,6.12)
4. Listra (14,19)	
2. **Com pagãos**	**2. Com pagãos**
1. Listra (religiosidade) (14,11-18)	1. Filipos (interesse econômico) (16,19)
	2. Atenas (conflito ideológico) (17,18.32)
3. **Envolvimento de outros**	3. **Envolvimento de outros**
1. Senhoras nobres (Ant) (13,50)	1. Magistrados (Filip) (16,19)
2. Principais da Cidade (Ant) (13,50)	2. Estrategos (Filip) (16,20.22.35.36)
3. Chefes (Archontes) (Icônio) (14,5)	3. Litores (Filip) (16,35.38)
4. População, pagãos (Icônio) (14,2.4)	4. Assembléia (*demos*-povo) (Tess) (17,5)
5. Multidão (Listra) (14,19)	5. Politarcas (Tess) (17,6.8)
6. Procônsul (Chipre) (13,7-8)	6. Indivíduos perversos (Tess) (17,5)

	7. Tribunal (Corinto) (18,12)
	8. Procônsul (Corinto) (18,14)
	9. Filósofos gregos (Atenas) (17,18)
	10. Multidão (Filip+Tess+Ber) (16,22; 17,8.13)
Acusações	**4. Acusações**
Não se formula nenhuma	1. Agitam a cidade (Filip) (16,20)
acusação. Apenas se agita,	2. Costumes contra Roma (Filip) (16,21)
se conspira e se blasfema	3. Revoluciona o mundo (Tess) (17,6)
(At 13,45; 14,2.5.19)	
4. Contra as leis de César (Tess) (17,7)	
	5. Aceita Jesus como Rei (Tess) (17,7)
	6. É contra a lei (Corinto) (18,13)
	7. Prega divindades (Atenas) (17,18)
5. Resultado	**5. Resultado**
1. Expulsos (Ant) (13,50)	1. Polícia bate (Filip) (16,22)
2. Devem fugir (Icônio) (14,4-6)	2. Polícia prende (Filip) (16,23)
3. Apedrejado (Listra) (14,19)	3. Preso sob vigilância (Filip) (16,23-24)
4. Cônsul se converte (Chipre) (13,12)	4. Libertado sob fiança (Tess) (17,9)
	5. Sóstenes espancado (Corinto) (18,17)
	6. Carcereiro se converte (Filip) (16,30-32)
	7. Cidadania Romana protege (Filip) (16,37)
	8. Procônsul neutro (Corinto) (18,14-17)

Na primeira viagem, houve um único conflito com os pagãos, de caráter religioso. Na segunda viagem, o conflito com os pagãos aumenta, se aprofunda e atinge o ideológico e o econômico. As acusações são mais políticas. O envolvimento das instituições do império contra os cristãos é muito mais amplo e mais freqüente. Nas duas vezes em que uma suprema autoridade romana local (procônsul) aparece para decidir uma questão *a favor* dos cristãos (Chipre e Corinto), não se trata de um conflito entre o império e os cristãos, mas sim de uma questão religiosa entre judeus e cristãos.

Assim, para além das intenções de Lucas, dentro do próprio texto dos Atos dos Apóstolos, transparece o envolvimento progressivo das instituições do império na perseguição aos cristãos. O império pode ter tido funcionários honestos a favor dos cristãos, como os procônsules de Chipre e Corinto, mas suas instituições eram usadas e manipuladas, cada vez mais, *contra* os cristãos. Elas conseguem ser mobilizadas com relativa facilidade por pessoas que se sentem prejudicadas nos seus interesses pela mensagem cristã, mas quase não conseguem ser mobilizadas pelos próprios cristãos para defender a justiça e a verdade. Os cristãos não têm nenhuma influência sobre o império. Não conseguem movimentar a opinião pública a seu favor. São gente sem poder que vive na contramão. Por causa da sua maneira diferente de viver, são facilmente identificados e molestados. Os judeus, porém, possuem uma grande influência junto às autoridades e às classes mais altas.

Embora no livro dos Atos ainda não apareça um conflito aberto com o império, nele já aparece a semente da futura perseguição: a facilidade com que as instituições do império podiam ser utilizadas contra os que defendiam a justiça e a verdade. Aqui está uma das causas principais da perseguição aos cristãos no fim do primeiro século.

Como conseqüência desta pressão ideológica cada vez mais forte, havia também perseguição sangrenta. Juntando todos os indícios do Apocalipse a este respeito, obtém-se um quadro de muita gravidade, em que as pessoas corriam perigo de vida pelo simples fato de serem cristãs: em Pérgamo houve o martírio até à morte de Antipas (2,13); a comunidade de Éfeso era perseguida por causa do Nome de Jesus (Ap 2,3); na comunidade de Esmirna, alguns já foram presos (Ap 2,10); a de Filadélfia, apesar de fraca, não renegou o nome (Ap 3,8); o próprio João, no momento de escrever sua mensagem, estava preso (Ap 1,9); no quinto selo, que reflete a situação das comunidades, ouve-se o grito dos que foram mortos por causa do testemunho que deram da Palavra. Era perigoso e difícil sustentar a fé. O controle do império era total. A repressão era tanta, que ninguém podia escapar da sua vigilância (Ap 13,16). Quem não apoiava o regime, não podia vender nem comprar nada (Ap 13,17; Hb 10,32-35). Quem não concordava com as idéias da ideologia era perseguido. Fala-se de comercialização de vidas humanas (Ap 18,13) e de perseguição até à morte (Ap 12,11.13.17; 13,7.15; 16,6; 17,6; 18,24; 20,4).

Conclusão

Estas são algumas breves informações sobre a violência do Império Romano e a sua influência na vida das comunidades cristãs no fim do primeiro século. Quando se analisam os fatos antigos de perto e se procura olhar pelas entrelinhas dos escritos para dentro da realidade vivida do dia-a-dia da vida do povo, então aquilo que parecia distante adquire proximidade, e os fatos que pareciam totalmente diferentes apresentam-se mais atuais do que nunca. Através deles ressoa com força o aviso do Apocalipse: "Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas!"

Carlos Mesters
Caixa Postal 64
23900-970 Angra dos Reis, RJ

Francisco Orofino
Castelo Branco, 313/12
26525-120 Nilópolis, RJ

Bibliografia

CROSSAN, J.D. *O Jesus Histórico. A vida de um camponês judeu do mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

DALEY, Brian E. *Origens da Escatologia Cristã. A esperança da Igreja primitiva*. São Paulo: Paulus, 1994.

FRIESEN, S.J. *Twice Neokoros Ephesus, Asia and the Cult of the Flavian Imperial Family*. Leiden: Brill, 1993.

GOODMAN, M. *A classe dirigente da Judéia. As origens da revolta judaica contra Roma em 60-70 dC*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

GRABBE, Lester L. "The Social Setting of early Jewish Apocalypticism", in *Journal for the Study of the Pseudepigrapha* 4, 1989, 27-47.

HOORNAERT, E. *O movimento de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1994.

JEFFERS, James S. *Conflito em Roma, Ordem Social e hierarquia no cristianismo primitivo*. São Paulo: Loyola, 1995.

JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1983.

KIPPENBERG, H.G. *Religião e formação de classe na antiga Judéia*. São Paulo: Paulinas, 1989.

MORIN, E. *Jesus e as estruturas do seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MOXNES, H. *A economia do Reino, conflito social e relações econômicas no Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulus, 1995.

MURPHY-O'CONNOR, J. *Paulo, uma biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 2000.

NODET, E. e TAYLOR, J. *Essai sur les Origines du Christianisme*. Paris: Cerf, 1998.

O Sonho do Povo de Deus. Coleção: Tua Palavra é Vida, Publicações. Rio de Janeiro: CRB/Loyola, 1999.

RICHARD, P. *Apocalipse – Reconstrução da Esperança*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SAULNIER. S. e ROLAND, R. *A Palestina no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1986.

SCHÜSSLER-FIORENZA, E. *Apocalipsis, visión de un mundo justo*. Estella: Editorial Verbo Divino, 1997.

THEISSEN, G. *A sombra do Galileu*. Petrópolis: Vozes, 1988.

THOMPSON, L. "A sociological Analysis of Tribulation in the Apocalypse of John", in *Semeia* 36, 1986, 147-174.

VOLKMANN, M. *Jesus e o Templo*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.